

O CARROCEIRO GUEROTI

Uma das polêmicas instaladas na velha Franca do Imperador logo no início do atual mandato legislativo foi o projeto de lei apresentado por uma vereadora oriunda dos movimentos em defesa dos animais que proíbe a atividade dos carroceiros, já em decadência pela modernização dos fretes de volumes maiores e à “ideologia do progresso” que não aceita o que acha “arcaico”. O argumento usado pela legisladora foram os maus-tratos aos animais de veículos de tração animal, aí incluídos cavalos, burros, muares e quadrúpedes bolsonaros (nesse caso, uma contradição, já que defendem a tortura).

O projeto de lei que extingue uma atividade secular sem ouvir previamente os carroceiros prejudicados pela medida e que terão que arrumar uma nova atividade para seu sustento me fez lembrar do Gueroti, o carroceiro que atendia ao depósito de couros do meu pai nos anos 1960. Na Franca da época, pouca gente tinha veículos automotores como caminhonetas ou caminhões, boa parte dos produtos transportados pela ferrovia Mogiana era desembarcados e entregues pelos carroceiros. As carroças de Franca existem desde o século XIX, primeiro foram os carros-de-boi que buscavam o sal em Santos e o distribuía pelo interior das capitâncias de São Paulo, Minas e Goiás. Havia vários pontos para as carroças na cidade, quando ocorreu a reforma do calçadão da Praça Barão em 1987 foi encontrado um bebedouro para animais do ponto que ali existiu.

No início dos anos 2000, participei dos estudos de tombamento dos dois únicos bebedouros de animais em ferro fundido existentes na cidade (produzidos na Inglaterra) e já em desuso, ambos de pontos de carroças já desativados (um atrás do IETC e outro na Praça Ana Nicácio, nos fundos da estação da estrada de ferro), com o objetivo de resguardar a memória de um meio de transporte que estava desaparecendo.

Voltando ao Gueroti. Era um sujeito corpulento, sanguíneo, avermelhado e forte, muito forte. Ele pegava os pacotes de couro pesados como se fosse uma pluma e jogava sobre a carroça. Era divertido, com um linguajar ferino entremeado por palavrões que nunca tinha ouvido antes, aumentei meu vocabulário de impropérios sem ter ideia que usaria todos e ainda faltaria para qualificar o genocida Palhaço do Planalto. Adolescente, ficava no depósito à tarde (meu era representante da Cia. Cortidora Campineira) e uma das diversões do serviço era acompanhar o Gueroti na entrega dos fardos de couro nas fábricas de sapatos.

Numa cidade em que o automóvel ainda não era soberano, a viagem ao ar livre, como se estivesse num cupê conversível dos poucos riquinhos da cidade, com o vento batendo na cara cheia de espinhas e na cabeleira (que eu ainda tinha) sob o sol era muito divertida, embora o mesmo não pudesse dizer o cavalo que puxava todo aquele peso, com o barulho característico das rodas e ferraduras no paralelepípedo das ruas. Outra peculiaridade era o cavalo ir andando e cagando, deixando um rastro fedorento pelo caminho. Mal poderia imaginar que cinquenta anos depois um presidente faria isso pelo país inteiro.

Mauro Ferreira é arquiteto